

*Senhor Governador do Estado de Alagoas, meu companheiro de tanto tempo, Divaldo Suruagy; Senhor Vice-Governador do Estado de Alagoas, Manoel Gomes de Barros,*

Eu vim a Palmares, hoje, para comemorar os 300 anos da luta pela liberdade. Hoje, a gente sabe que na Serra da Barriga se deu o ataque fulminante, decisivo, e que em Palmares, lá, na verdade, o que houve foi a grande saga da resistência, que não se encerrou em 1694.

Em 1694, embora a luta tivesse sido vencida, depois de muitas tentativas, na verdade, ali se marcou, ali se deixou um símbolo, e as idéias sobreviveram. As idéias sobreviveram porque, quando existe a virtude, quando os personagens históricos atuam não apenas movidos pelo cotidiano, mas movidos por um horizonte, utópico às vezes, mas um horizonte de renovação, um horizonte que, muitas vezes, é fugidio, que não se chega a alcançar, mas que permite às populações, permite ao povo divisar uma esperança, não se pode falar em derrota, mas se pode falar na plantação de uma semente que há de renascer, sempre, como renasceu a semente plantada pelos

escravos que se organizaram na liberdade, em Palmares e, sobretudo, pelo Zumbi.

Importa pouco saber detalhes. Importa pouco saber se a biografia está ancorada em documentos, em testemunhos dos viajantes ou o que seja. O Zumbi, para nós, hoje, tem um significado – Dr. Jorge citou muito bem – que transcende a tudo isso, de tão forte que foi a semente da consciência que despejou na comunidade afro-brasileira. Hoje, é alguma coisa que se incorpora ao patrimônio cultural, ao patrimônio histórico, ao patrimônio político do Brasil. É um herói do Brasil.

Esse herói foi feito pela resistência, foi feito pela vontade de negar, de sair de uma situação de dominação que era inaceitável. Para quem, como eu, começou a vida estudando os negros no Brasil e escreveu pelo menos dois livros sobre a questão do preconceito e sobre os negros no Brasil, era mais que uma obrigação, era um dever imperioso, era, como disse, de novo, um impulso ético, como Presidente da República, vir aqui a União dos Palmares para dizer: o Zumbi é nosso, do povo brasileiro, porque ele representa o que há de melhor no povo brasileiro – é a vontade de liberdade.

Hoje, nós estamos aqui com um país que começa a respirar mais liberdade. Não é de agora. São lutas contínuas, que vão se enlaçando umas nas outras. Não se faz uma sociedade, não se faz uma nação de um dia para o outro. Nem se faz essa nação sem cultivar, como hoje fazemos, a memória dos que lutaram pela sua formação.

A verdade é que, hoje, o Brasil é um país que, cada vez mais, está ávido por transformar esse elã de liberdade em instituições que assegurem, efetivamente, as práticas da democracia. Nós temos ouvido tantas vezes – e assim é verdade – que estamos num país que dá, de certo ângulo, exemplo de tolerância, que nós nos orgulhamos de ser um país multirracial, que sabemos que temos uma vontade cívica de reafirmar a nossa pluralidade cultural e a gratidão que temos a tudo que devemos às culturas africanas. Mas não podemos negar que, para que essa democracia, para que esse ideal de liberdade, para que esses valores, para que essa reafirmação de diversidades, para que essa incorporação, até um tanto mística mesmo, da África como patrimônio

que é nosso, para que tudo isso represente uma forma de comportamento ainda falta muito. Falta muito. E essa mesma vontade que motivou os que lutaram pela liberdade, no passado, motiva os que, hoje, combatem para acabar com a discriminação racial, para acabar com os preconceitos.

E seria mentiroso se dissesse que isso não existe. Eu seria o último a poder dizer, porque pesquisei, como disse aqui, as formas de preconceito no Brasil e sei que elas existem. Sei que elas existem, mas sei, também, que elas advêm de um longo período de escravidão, de uma mentalidade escravocrata, que, de alguma maneira, também permeou a cultura brasileira e que, às vezes, dissimula a sua crueldade através de formas de convivência que parecem ser da tolerância, mas que, na verdade, são de manutenção de um certo espírito de rejeição àquilo que não devia ser rejeitado, mas devia ser incorporado, com força, pelo coração e pela mente.

Então, hoje, aqui, nós estamos comemorando Zumbi. Também devemos prestar muita atenção a isso, ao fato de que, nessa construção, nessa consolidação da democracia, é o momento em que o Brasil pode ter aí, sentados à mesa, representantes da raça negra. E, talvez, pela primeira vez na História, o Brasil tenha tido um Ministro negro. Digo isso cheio de orgulho, porque é um grande Ministro.

Nós podemos ver aqui o Governador, com essa mentalidade aberta, e o Ministro da Cultura, o Ministro Weffort, que tem demonstrado a sua imensa capacidade para o diálogo e para não temer enfrentar preconceitos, também, porque, no fundo, a luta é a mesma, pela tolerância e pela democracia.

Neste momento em que o Brasil todo aspira a mudar para melhor, acho que nós devemos nos armar da vontade de combater, sem ressentimentos, sem demagogia, mas com firmeza, aquilo que ainda ficou, que ainda restou da cultura escravocrata, que ainda restou de uma espécie de dissimulação, de resistência, de problemas e transformar isso em algo positivo.

As leis existem, eu sei disso. São leis por toda a parte, as leis contra o preconceito, contra a discriminação. Mas é preciso que a prática se

sobreponha aos costumes. E esses costumes não são os que estão escritos nas leis, são costumes ainda discriminatórios.

Não é um problema que o Governo possa resolver com uma penada, é um problema da sociedade, é um problema de todos nós. Mas o Governo pode encorajar aqueles que estão lutando para, efetivamente, avançarmos numa sociedade cada vez mais democrática.

Nós temos na Constituição, sobre isso, itens que são absolutamente corretos. Temos a Convenção para a Eliminação da Discriminação Racial e também a Organização Internacional do Trabalho. Mas, na verdade, quando vamos olhar as estatísticas, quando vamos ver se existe ou não discriminação no salário, vamos ver que existe. Quando se analisa a pobreza no Brasil, quase que há uma previsão possível: se a pessoa for mulher, se morar no interior, se tiver filhos e não tiver marido, se for negra, é mais pobre. É direta a relação. Dou apenas um exemplo. Há vários.

Portanto, nós temos que lutar para mudar essa situação. Temos que transformar essa democracia, que é por nós almejada e que já está registrada nas nossas mentes, em forma concreta de dar oportunidades iguais a todos. E, para que possamos dar oportunidades iguais a todos, temos que ter medidas positivas em favor da igualdade.

Essas medidas positivas vão desde a questão do treinamento dos nossos educadores, para que eles possam insistir sobre a diversidade racial que compõe o nosso país, à vigilância para que os materiais escolares não sejam eles próprios transmissores de preconceitos; à valorização da História e da cultura negra nos currículos dos nossos livros escolares, do estudo da História da África; à preocupação constante dos meios de comunicação, que têm essa imensa força num país como o nosso, para que cooperem e também exibam o Brasil, com orgulho, nas suas diversidades, na sua pluralidade racial, mas, sobretudo, para buscar mecanismos que permitam, através de bolsas de estudo, através das formas de incentivo, que haja uma participação efetiva do negro na escola, na universidade, na vida política.

E os que me conhecem sabem que, de muitos anos, desde que ingressei na vida política, sempre me empenhei para que houvesse uma pre-

sença negra mais forte nos partidos, no Congresso, porque isso é parte fundamental desse mesmo processo de democracia.

Não é a luta do negro, como se fosse uma coisa à parte. É a nossa luta, do Brasil, pela democracia, dos brasileiros, que acreditamos em democracia. Não é uma luta que possa ser pensada em termos de separação. Ao contrário, é uma luta que tem que ser pensada em termos de integração, mas uma integração que não dissimule, e, sim, uma integração que dê, efetivamente, a condição para que exista a tão almejada igualdade.

Algumas dessas medidas já estão em andamento, como o fato mesmo de termos apresentado aqui uma cartilha, a revisão dos currículos, que já foi feita; e o fato de o Presidente da República estar aqui e receber, nesta tarde, a liderança das comunidades negras do Brasil, no Palácio do Planalto, para discutirmos, concretamente, medidas efetivas, e não para ficarmos fazendo discursos, porque o povo cansou do discurso, cansou da manifestação vazia também, cansou do protesto pelo protesto que não tem outro objetivo senão protestar. Ele quer resultados práticos da democracia.

Há, portanto, muito o que fazer. Mas esse muito o que fazer não nos atemoriza. Não nos atemoriza exatamente porque, hoje, existe no Brasil a consciência, a convicção de que é possível, de que não se trata mais, pura e simplesmente, de algo para daqui a muito tempo. É para já. É para agora. É para resgatar as dívidas que nós temos com o passado.

Um dos maiores pensadores brasileiros e formuladores da luta pelo abolicionismo, que foi Joaquim Nabuco, falava do legado da raça negra e, depois, do mandato que havia recebido a geração dele para mudar a situação. Pois bem, isso está vivo. Não sob a forma da luta contra a escravidão, mas sob a forma da luta contra o preconceito, contra a discriminação. Existe um legado e existe um mandato. Não é um mandato político, é mais que isso: é um imperativo ético, é um mandato social, é uma vontade de convergência, é uma vontade de todo o País de avançar na direção de mais igualdade.

E, hoje, aqui, na figura do Zumbi encarnando o ideal de liberdade, com a presença do Governador de Alagoas, nesta terra onde se encontra a Serra da Barriga com a presença de representantes das comunidades

afro-brasileiras, com a presença de Senadores, Deputados, Ministros, nós estamos, simplesmente, reafirmando: é para já essa luta! É para agora! Passou muito tempo já sem que o Brasil sacudisse a poeira da escravidão e as conseqüências que ela deixou na nossa mentalidade. É para agora essa reafirmação de liberdade. E Zumbi simboliza precisamente isso.

Hoje, espero que fique marcado na História do Brasil que há uma convergência, que nós estamos de mãos dadas, mas não uma mão para fingir: a mão, realmente, para um ajudar a empurrar o outro, no sentido de mais igualdade e de mais liberdade. Só assim a democracia, pela qual lutamos tanto e que consolidamos nas instituições, deixará de ser apenas algo visível, em termos políticos, e passe a ser algo palpável em termos sociais.

O Brasil precisa disso. O Brasil precisa dessa luta. E sobretudo as crianças. Sobretudo aqueles que estão ingressando, hoje, nas escolas. Sobretudo aqueles cujo horizonte é mais amplo e, quem sabe, possam divisar, como divisou Zumbi no passado, uma possibilidade, que neste momento ainda é utópica, de que a frase “democracia é igualdade de oportunidade” seja uma prática.

Eu confio muito, confio muito e agradeço a todos aqueles que estão empenhados nessa luta. E agradeço, muito especialmente, aos que têm antepassados que vieram da África e aqui ajudaram tanto a construir esta nação.

Muito obrigado.